

PARTE I

ESCATOLOGIA INAUGURADA

O termo “escatologia” tem origem em duas palavras gregas, *eschatós* e *lógos*, e significa “doutrina das últimas coisas”, e se refere a eventos relacionados tanto com o indivíduo como com o mundo, os quais ainda vão acontecer. Em relação ao indivíduo, pensava-se que a escatologia se ocupava de assuntos como morte física, imortalidade e do chamado “estado intermediário” – o estado entre a morte e a ressurreição geral. Com relação ao mundo, a escatologia é vista como tratando da volta de Cristo, da ressurreição geral, do juízo final e do estado final das coisas. Mesmo concordando que a escatologia bíblica inclui os elementos mencionados, temos de insistir que a mensagem da escatologia bíblica será seriamente empobrecida se nela não incluirmos a situação presente do crente e a fase atual do reino de Deus. Em outras palavras, a escatologia bíblica completa precisa incluir tanto o que podemos chamar de escatologia “inaugurada”* como a escatologia “futura”.**

Nesta seção, apresentamos várias ideias básicas relativas ao estado presente do reino. Nos capítulos 1 e 2 abordamos detalhadamente a perspectiva escatológica do Antigo e do Novo Testamento. O Antigo Testamento está repleto de profecias acerca de bênçãos futuras para Israel. No Novo Testamento, muitas dessas profecias – mas não todas – são cumpridas na pessoa de Cristo. Portanto, fica claro que algumas profecias serão cumpridas apenas na segunda vinda. No capítulo 3 abordo o propósito e o alvo da escatologia, com Cristo no centro e Deus no comando. Nos demais capítulos tratarei da natureza e do significado do reino de Deus, do papel do Espírito Santo na escatologia, e da tensão entre as realidades presente e futura.

* Essa expressão é preferível à “escatologia realizada”, por razões que serão apresentadas mais adiante. O termo “inaugurada” refere-se às bênçãos escatológicas que o crente desfruta no presente.

** Esse termo designa eventos escatológicos futuros.

Capítulo 1

A perspectiva escatológica do Antigo Testamento

PARA ENTENDER CORRETAMENTE A ESCATOLOGIA BÍBLICA, é preciso vê-la como um dos aspectos integrantes de toda a revelação bíblica. A escatologia não deve ser vista como algo encontrado apenas em livros como Daniel e Apocalipse, mas como algo que domina e permeia toda a mensagem da Bíblia. Neste ponto, Jürgen Moltmann está totalmente correto:

Do começo ao fim, e não apenas no epílogo, o cristianismo é escatologia, é esperança, olhar e andar para a frente e, por causa disso, também, é revolucionar e transformar o presente. O escatológico não é um dos elementos do cristianismo, mas é o agente da fé cristã em si, a chave à qual tudo está ajustado (...) Por isso, a escatologia não pode ser apenas uma parte da doutrina cristã. Antes, a perspectiva escatológica é característica de toda a proclamação cristã, de cada existência cristã, e de toda a igreja.¹

Para entender este tópico, precisamos apreciar mais de perto a natureza escatológica da mensagem bíblica como um todo. Neste capítulo, examinaremos a perspectiva escatológica do Antigo Testamento; no capítulo seguinte nós nos ocuparemos da visão escatológica do Novo Testamento.

Com frequência, teólogos da tradição liberal têm dito que há muito pouca escatologia no Antigo Testamento. Devemos concordar, naturalmente, que os escritores do Antigo Testamento não nos fornecem ensinamentos claros a respeito das doutrinas a qual chamamos de “escatologia futura”: vida pós-morte, segunda vinda de Cristo, juízo final e assim por diante. Mas há outro sentido, segundo o qual o Antigo Testamento está orientado escatologicamente do princípio ao fim. George Ladd o descreve da seguinte forma:

Conclui-se que a esperança de Israel, pelo reino de Deus, é uma esperança escatológica, e essa escatologia é a consequência inevitável da visão

que Israel tem de Deus. O antigo criticismo wellhauseniano insistia que a escatologia era um desenvolvimento tardio que emergiu somente na época pós-exílica. Recentemente, o pêndulo tem se inclinado para outra direção, e o caráter fundamental da escatologia israelita tem sido reconhecido. Pode-se citar um número cada vez maior de eruditos que reconhece que foi o conceito de Deus, ocupando-se com Israel na história redentiva, a causa do surgimento da esperança escatológica.²

Um dos eruditos citados por Ladd é T. C. Vriezen, professor de Estudos do Antigo Testamento da Universidade de Utrecht. Vriezen comenta que a visão escatológica que se encontra no Antigo Testamento é “um fenômeno israelita que não se encontra fora de Israel”.³ Ele continua:

A escatologia não surgiu quando o povo começou a duvidar da veracidade do reinado de Deus no culto, mas sim quando eles tiveram de aprender, em meio a um grande sofrimento, a confiar em Deus, pela fé somente, como o único fundamento firme da vida, e quando esse realismo da fé esteve dirigido criticamente contra a vida do povo, de modo que a catástrofe iminente era considerada uma intervenção divina plenamente justa e, ainda, de modo a ser confessado que o Deus santo permanecia inabalado em sua fidelidade e amor a Israel. Dessa maneira, a vida de Israel na história passou a ter um aspecto duplo: por um lado, o juízo era considerado próximo, tangível, e a recriação da comunidade de Deus como algo que se avizinhava (...) A escatologia é uma certeza religiosa que emana diretamente da fé israelita em Deus, conforme enraizado na história de sua salvação.⁴

Por causa disso, Vriezen examinou a escatologia essencial à mensagem tanto do Antigo como do Novo Testamento:

No coração da mensagem do Antigo Testamento está a expectativa do reino de Deus, e em Jesus de Nazaré está o cumprimento inicial dessa expectativa (...) isso subjaz à mensagem do Novo Testamento. O verdadeiro cerne de ambos, Antigo Testamento e Novo Testamento, é, portanto, a perspectiva escatológica.⁵

Examinemos a perspectiva escatológica do Antigo Testamento com mais minúcia, vendo alguns conceitos específicos da revelação, nos quais essa perspectiva está incorporada. Começemos com a expectativa do redentor vindouro. A narrativa da queda nos primeiros versículos de Gênesis 3 é imediatamente seguida pela promessa de um redentor futuro no versículo 15: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Esta passagem, com frequência denominada “a promessa-mãe”, passa a determinar todo o Antigo Testamento. As palavras são endereçadas à serpente, mais

tarde identificada como um agente de Satanás (Ap 12.9; 20.2). A inimizade instalada entre a raça humana e a serpente implica que Deus, que também é inimigo da serpente, será amigo do homem. Encontramos a promessa do redentor vindouro na predição de que finalmente o descendente da mulher esmagará a cabeça da serpente. Poderíamos dizer que, nessa passagem, Deus revela resumidamente seu propósito salvífico para seu povo. A história da salvação, ulterior, é um desdobramento do conteúdo dessa “promessa-mãe”. A partir desse ponto, tudo na revelação do Antigo Testamento olha para a frente, aponta o futuro, e ansiosamente aguarda o redentor prometido.

Esse redentor vindouro, descrito em Gênesis 3.15 apenas como o descendente da mulher, é designado descendente de Abraão em Gênesis 22.18 (cf. 26.4; 28.14). Mais adiante, Gênesis 49.10 especifica que o redentor deverá ser um descendente da tribo de Judá. Mais tarde, no curso da revelação do Antigo Testamento, aprendemos que o redentor vindouro será um descendente de Davi (2Sm 7.12-13).

Após o estabelecimento da monarquia, o povo de Deus do Antigo Testamento reconheceu três ministérios especiais: de profeta, sacerdote e rei. O redentor vindouro era aguardado como o auge e o cumprimento dos três ministérios especiais. Ele deveria ser um grande profeta: “O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim [Moisés]; a ele ouvirás” (Dt 18.15). Ele seria um sacerdote eterno: “O SENHOR jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Sl 110.4). Ele também deveria ser o grande rei do seu povo: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei...” (Zc 9.9).

Com referência ao reinado do redentor vindouro há uma predição específica de que ele se assentará no trono de Davi. O profeta Natã disse a Davi: “Quando teus dias se cumprirem e descansares com teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e eu estabecerei para sempre o trono do seu reino” (2Sm 7.12-13; cf. Is 9.7).

Podemos também perceber que a vinda do futuro Rei e Redentor é identificada com a vinda de Deus ao seu povo. Em Isaías 7.14, por exemplo, o redentor vindouro é denominado *Emanuel*, que significa “Deus conosco”. Em Isaías 9.6, um dos nomes atribuídos ao redentor prometido é “Deus Forte”. A. B. Davidson faz um comentário a respeito nas seguintes palavras:

Algumas vezes, a vinda “de Jeová” é cumprida de acordo com a esperança messiânica – Jeová desce para junto de seu povo no Messias, sua presença é manifestada e percebida nele (...) Deus está plenamente presente, com propósitos redutores, no rei messiânico. Essa é a concepção messiânica mais sublime.⁶

Ao lado da concepção de que o redentor vindouro será um profeta, um sacerdote e um rei, porém, encontra-se em Isaías a visão de que o redentor será o servo sofredor de Deus. O conceito de “servo do Senhor”, que aparece com frequência em Isaías, algumas vezes designa a nação de Israel e, outras vezes, descreve o redentor vindouro. Entre as passagens de Isaías que descrevem o Messias vindouro como o servo do Senhor estão: 42.1-4; 49.5-7; 52.13-15, e todo capítulo 53. É especialmente Isaías 53 que retrata o redentor vindouro como o *servo sofredor de Jeová*: “Ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (v. 5). De passagens como essas nós aprendemos que o redentor, cuja vinda o crente do Antigo Testamento aguardava, era considerado, pelo menos no tempo dos últimos profetas, alguém que iria sofrer por seu povo a fim de redimi-lo.

Outra forma pela qual o Antigo Testamento descreve a vinda do redentor é como o *Filho do Homem*. Encontramos esse tipo de expectativa particularmente em Daniel 7.13-14.

Eu estava olhando nas minhas visões da noite,
e eis que vinha como as nuvens do céu
um como o Filho do Homem,
e dirigiu-se ao Ancião de Dias,
e o fizeram chegar até ele.
Foi-lhe dado domínio,
e glória, e o reino,
para que os povos, nações e homens de todas as línguas
o servissem;
o seu domínio é domínio eterno,
que não passará,
e o seu reino
jamais será destruído.

No Novo Testamento, o Filho do Homem é identificado com o Messias.

Em resumo, podemos dizer que o crente veterotestamentário aguardava um redentor, de maneiras diversas e pelo sentido de várias figuras, que deveria vir em um tempo futuro (ou nos “últimos dias”, para usar uma figura de linguagem comum ao Antigo Testamento) para redimir seu povo e, também, para ser uma luz aos gentios. Pedro, em sua primeira epístola, nos dá um quadro vívido sobre o modo como os profetas do Antigo Testamento aguardavam a vinda desse Redentor messiânico:

A respeito desta salvação, os profetas, que falaram da graça que haveria de vir para vós, buscaram atentamente, e com o maior cuidado, procurando descobrir a época e as circunstâncias às quais o Espírito de Cristo neles

estava-se referindo, quando ele predisse os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam (1Pe 1.10-11, NIV).

Outro conceito da revelação bíblica no qual a perspectiva escatológica do Antigo Testamento está incorporada é o do *reino de Deus*. Apesar de o termo “reino de Deus” não ser encontrado no Antigo Testamento, o pensamento de que Deus é rei está presente particularmente em Salmos e nos profetas. Deus é denominado, com frequência, de Rei, tanto de Israel (Dt 33.5; Sl 84.3; 145.1; Is 43.15), como de toda a terra (Sl 29.10; 47.2; 96.10; 97.1; 103.19; 145.11-13; Is 6.5; Jr 46.18). Porém, devido à abundância de pecado e de rebelião nos homens, o senhorio de Deus é efetuado apenas imperfeitamente na história de Israel. Por causa disso, os profetas aguardavam um dia em que o reinado de Deus pudesse ser provado plenamente, não somente por Israel, mas pelo mundo inteiro.⁷

É Daniel que desenvolve a ideia do reino vindouro. No capítulo 2 de sua profecia, ele fala acerca do reino que Deus um dia levantará, que nunca será destruído, que quebrará todos os outros reinos em pedaços e permanecerá para sempre (v. 44-45). E em 7.13-14, como vimos, àquele um como Filho do Homem é dado um domínio eterno e um reino que não será destruído. Por causa disso, Daniel prediz não apenas a vinda de um reino futuro, mas conjuga esse reino com a vinda do redentor, a quem descreve como o Filho do Homem.

Mais um conceito veterotestamentário com implicações escatológicas é o da *nova aliança*. Como muitos eruditos do Antigo Testamento têm mostrado, a ideia da aliança é central à revelação do Antigo Testamento.⁸ Nos dias de Jeremias, entretanto, o povo de Judá havia quebrado a aliança de Deus com eles por meio de suas idolatrias e transgressões. Embora o tema principal das profecias de Jeremias seja o de condenação na ruína, ele prediz que Deus fará uma nova aliança com o seu povo: “Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança” (Jr 31.31-32; ver também 33-34). A partir do Novo Testamento (ver Hb 8.8-13; 1Co 11.25) fica claro que a nova aliança predita por Jeremias foi instaurada por Jesus Cristo.

Entre os conceitos escatológicos do Antigo Testamento tem muita importância o conceito da *restauração de Israel*. Após a divisão do reino, Israel e Judá caíram mais e mais na desobediência, idolatria e apostasia. Por isso, os profetas pregaram que, devido à desobediência, o povo de ambos os reinos seria levado ao cativeiro por nações hostis, e ficaria disperso por terras estrangeiras. Mas em meio a essas predições sombrias há também profecias de libertação. Vários profetas predisseram a futura restauração de Israel do seu cativeiro.